

S B A

REVISTA DE CULTURA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

EDIÇÃO Nº5 • SEMESTRAL • DEZEMBRO 2022 • PVP 10,00€

COMO EU VEJO O MEU S. BRÁS



Desafiei Victor Brito e Martins Guerreiro a contarem como, veteranos, viam agora a sua terra natal, donde há décadas haviam partido.

Não teve Victor Brito a possibilidade de responder ao desafio – que descanse em paz! Martins Guerreiro, por seu turno, embrenhado, primeiro, na luta para ao aeroporto de Faro se dar o nome de Gago Coutinho, e, depois, noutros compromissos prementes, acabou por solicitar adiamento do seu testemunho para a próxima edição. Resta-me, pois, de momento, dar, como sói dizer-se, o pontapé de saída, caso a rubrica venha a despertar o entusiasmo que lhe auguro.

Na agenda cultural *São Brás Acontece*, mantém-se, graças ao devotado dinamismo de toda uma jovem e briosa equipa, a secção «São-Brasenses pelo Mundo», a dar conta de como fomos terra de emigrantes, hoje

espalhados pelos quatro cantos do globo. Há mesmo, aqui e além, consideráveis núcleos de compatriotas nossos, desejosos até que os não esqueçamos mais. Essa rubrica é transcrita no *Notícias de S. Braz*, aumentando-se assim a sua repercussão. E logo aí, nessas conversas, surgem evocativas memórias de um passado mais ou menos longínquo no tempo, sempre todavia bem perto no pensamento.

Para quem, por mor dos estudos a prosseguir ou para acompanhar os pais em busca de melhor vida, saiu de S. Brás nas décadas de 40 ou 50, são esses tempos os que se têm recordado nas páginas do *Notícias de S. Braz* e já o foram, aliás, também em alguns dos textos inseridos em anteriores edições de *SBA – Revista de Cultura*.

Ainda que a vivência de cada um seja, naturalmente, variada, muitos pontos comuns haverá, mormente no respeitante a hábitos alimentares, fainas agrícolas, ambiente socioeconómico, festividades, artesanato... Por conseguinte, com mais ou menos tintas, esse quadro vem sendo pintado – e bem.

Algo, porém, será susceptível de partilha, para além da emoção de reencontrarmos os mesmos valados com as mesmas pedras, os mesmos nós nos troncos carcomidos das alfarrobeiras, aquela azinheira enorme, o cheiro da terra vermelha...

Lembro-me da inesperada sensação que tive, quando, em Salento, no já longínquo Fevereiro de 2002, entre os mares Jónio e Adriático, me voltei para os meus colegas e lhes disse, numa admiração: «Mas valados assim, de pedra seca, a dividirem os terrenos, e esta terra vermelha são os do meu Algarve!». A terra vermelha não se esquece!...

Não me impuseram as circunstâncias da vida a necessidade de vir regularmente a S. Brás para cuidar de casa ou propriedade recebida por herança ou por aqui ter adquirido residência de Verão. As minhas maiores recordações são, pois, as das férias grandes dos anos 40 e 50, quando – felizes de nós! – havia mesmo três meses de férias e assim podíamos andar de casa em casa, de avós paternos e maternos, de tios e de padrinhos... Dessas andanças já tenho escrito e falado¹; prefiro agora ao olhar saudosos outros olhares.

1. Os prédios

Os prédios abandonados (e também os moinhos e outras estruturas rurais) são a minha primeira dor. Fazem-me doer a alma. Escondem partilhas por fazer, papéis amarelados perdidos em gavetas, outros afazeres prementes... enquanto a corrosão aumenta; o telhado já caiu ou arrisca-se a cair que as traves estão a ser devoradas pelo bicho; a erva cresce por todo o lado, portas quase não há... Um dó d'alma!

E diz-se que se pretende zelar pelo património.

Estas casas estavam adaptadas ao clima, às necessidades quotidianas d'outrora, trazem no rosto as características da arquitectura local.

Sim, estão velhas, não servem. Aquela trave da chaminé carece de ser levantada para que mais nenhum bebé lá bata com a cabeça por descuido de quem o leva ao colo. Aquele poço há que limpá-lo. Urge ligação à rede do saneamento básico...

E os herdeiros não têm dinheiro que preste para um investimento duvidoso.

¿E se os homens-bons do concelho ou dos concelhos algarvios se sentassem a uma mesa, como se assentavam os homens-bons em tempos medievais, para olharem para essas ruínas com outros olhos que não apenas com os gulosos da venda a holandeses, franceses, ingleses, americanos e quejandos que porventura desrespeitarão a estética antiga, além de que, sendo imigrantes, não contam para as estatísticas eleitorais?...

Nada impede que se sonhe.

Eu sonho.

A criação, a nível local ou regional, de uma entidade que saiba congregar interesses e integre juristas (para ajudar na resolução dos problemas legais) e arquitectos (para os projectos de recuperação). Uma espécie de gestora deste vasto condomínio. Capaz de receber os necessários apoios a nível governamental e autárquico.

Quiçá se lograria também, assim, aumentar a população residente e... votante! E eu insisto na palavra 'votante' porque há, como se sabe, uma 'Lisboa' que só consegue raciocinar (coitada!...) em termos de 'boletins de voto'...

2. Os frutos secos

Joaquim Dias, no editorial da edição de Setembro do *Notícias de S. Braz*, intitulado «Ouro negro do Algarve cada vez mais cobiçado», alerta para o número crescente de roubos de alfarroba, «mais de 32 toneladas»

¹ *Permita-se-me que assinale: Pelas veredas da História... em S. Brás de Alportel, Apenas Livros, Lisboa, 2006; Pelo Barrocal Algarvio. Apenas Livros, Lisboa, 2021.*

apreendidas pela GNR neste ano de 2022 até princípios de Agosto. Roubo consumados «quer ainda na árvore quer em armazéns já ensacadas e preparadas para os proprietários as venderem». Tem começado a ser necessário ficar alguém no armazém a guardar os sacos, antes que o gatuno apareça e os leve.

Nesse mesmo número do jornal (p. 16), Vítor Pires escolheu para mote do seu poema «O roubo da alfarroba» a quadra

*Onde será que isto vai parar
Tal coisa nunca existiu
Tanto ladrão a roubar
O nosso ouro algarvio.*

Descobriu-se, finalmente, o valor da alfarroba. Da amendoeira se descobrira antes. E das figueiras. E das oliveiras. E nós passamos devagar e vemos as amêndoas por apanhar, os figos a cair num desejo de inexistente almeixar, as azeitonas no choro de lagar aonde já ninguém se prontifica a levá-las...

Que fazer, se os proprietários não têm verba para pagar a quem apanhe? Ou melhor, quando já não há quem queira dispensar o subsídio de desemprego de valor bem superior ao que o proprietário oferecia como estipêndio?!

E assim, não apenas pelos Algarves mas por esse País além, se nos deparam «muitas oliveiras carregadas de azeitona preta que só os pássaros vão comendo», como escreveu João Lourenço Roque, em relação a terras próximas de Castelo Branco, na Beira Interior².

Que fazer?

O são-brasense que não tem propriedades decerto não compreenderá esse abandono, mormente se por aqui adregar passar em altura tradicional da apanha.

E sonha.

Sonha com a possibilidade de uma empresa municipal ou uma instituição com o apoio do Município e – porque não? – com dinheiros vindos de um desses programas comunitários que (dizem) hão por finalidade zelar pela qualidade do ambiente, erguerem um projecto em que, em colaboração com os proprietários, o propósito seja o de não deixar os frutos secarem na árvore ou morrerem jazendo inúteis pelo chão.

Será tão difícil assim?

O são-brasense emigrante crê que não. Haja boa vontade, clarividência e... ousadia!

Ao vir a S. Brás, donde novo teve de sair, gostaria de ver bem depressa tais riquezas em vias de bom aproveitamento. Para enriquecimento de todos.

José d'Encarnação

² *Digressões Interiores, Coimbra: Palimage, 2011, p. 82.*

ESTATUTO EDITORIAL

- **SBA Revista de Cultura** nasce da vontade de um grupo de são-brasenses profundamente empenhados em preservar a identidade são-brasense.
- **SBA Revista de Cultura** propõe, por isso, a reflexão sobre o que consubstancia essa identidade, que está na base da elevação de S. Brás de Alportel a concelho em 1914.
- Os responsáveis por **SBA Revista de Cultura** comprometem-se, por isso, a investigar e a dar a conhecer todos os componentes dessa identidade, consubstanciados amiúde na expressão 'património cultural'. O artesanato, os ofícios e mesteres tradicionais, o diligente aproveitamento dos recursos naturais na óptica da sua valorização, as lendas e tradições orais, as festividades, enfim, essas e as demais componentes do património e da memória colectiva serão privilegiadamente acarinhadas.
- **SBA Revista de Cultura** compromete-se a defender a sua autonomia em relação ao poder político e a ser independente de todos os poderes.
- Será timbre de **SBA Revista de Cultura** o apoio a todas as iniciativas que se integrem nos seus objectivos.
- **SBA Revista de Cultura** não visa fins lucrativos e compromete-se a respeitar o código deontológico que rege as publicações periódicas.
- É intenção dos promotores que **SBA Revista de Cultura** tenha periodicidade semestral, a coincidir com o aniversário da criação do concelho e com o período natalício.

DIRETOR

José d'Encarnação

COORDENAÇÃO EDITORIAL

José do Carmo Correia Martins
José Manuel Antonino Belchior

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Alfredo Cravador (Convidado)
César da Luz Correia
Dora Nunes Gago
Gonçalo Duarte Gomes
José do Carmo Correia Martins
José d'Encarnação
José Manuel Antonino Belchior
José Manuel Varela Pires
Júlia Neves
Noémia Pires

CAPA E OUTRAS ILUSTRAÇÕES

José Amândio Afonso Pereira

PAGINAÇÃO

Stefanie Boucinha

TIRAGEM

150 Exemplares

PERIODICIDADE

Semestral

N.º DE REGISTO NA ERC

127504

PROPRIETÁRIO/EDITOR

José do Carmo Correia Martins
as1646267@sapo.pt

SEDE & REDAÇÃO

José do Carmo Correia Martins
Sítio do Farrobo, 956 A
8150-032 São Brás de Alportel

IMPRESSÃO

Pixartprinting
Via 1º Maggio, 8
30020 Quarto d'Altino VE
Itália



ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ AMÂNDIO AFONSO PEREIRA